

# O INDIANISMO E O SERTANEJO, NUMA PERSPECTIVA DE IDENTIDADE NACIONAL.

ROCHA Maria aparecida da.\*

## RESUMO

O objetivo desse artigo é mostrar alguns traços de identidade nacional, a cultura tipicamente brasileira presente nas obras “*o guarani*” de José de Alencar, e da obra “*inocência*” do autor Visconde de Taunay, através do índio e o sertanejo. Na obra de Alencar o índio será retratado como um brasileiro nato, já na obra de Taunay o objetivo será mostrar o sertanejo como fruto de um novo povo brasileiro mais original, pois será mostrado como uma mistura de índio com o português, um povo que vivi longe da civilização da vida agitada da cidade, por isso de torna mais pura. O trabalho foi elaborado com base nos estudiosos de literatura como Coutinho, Massoud Moises, José Guilherme Merquior, Bosi, e os próprios autores José de Alencar e visconde de Taunay.

**PALAVRA-CHAVE:** Indianismo e Sertanejo. Identidade Nacional.

## INTRODUÇÃO

A História da literatura do Brasil mostra que por volta do século XIX ainda não existia uma literatura brasileira propriamente dita; uma literatura que retratasse as características, costumes e aspectos culturais do Brasil, do povo brasileiro em si. Tornando assim a literatura brasileira um produto europeu. Tira-se a conclusão que a literatura era ligada aos traços basicamente da cultura europeia.

A partir do século XIX os autores brasileiros começaram a ter a necessidade de criar uma literatura do nacional, feita no Brasil, feita por brasileiros e que falasse do Brasil. A partir de então começaram a abordar em suas obras características como valorização da terra, da cor local, enfim uma literatura que se desvinculasse da literatura europeia e apresentasse traços da cultura brasileira.

Assim em meio a outros escritores da literatura brasileira, no romantismo o que mais se destacou foi José de Alencar, pois o mesmo estabeleceu a busca pelas bases tão sonhada da identidade nacional, com as obras “*Iracema*” e “*O guarani*” e “*Ubirajara*” obras estas que apresentam o índio como principal representante da origem do povo e da terra brasileira como heróis fortes e destemidos, exaltando orgulhosamente o País. Logo depois vem o Visconde de Taunay autor da obra “*inocência*” uma esplendida representação do sertanejo e do lugar onde o mesmo habita mostrando o sertanejo uma raça mais brasileira por se originar do índio e do português.

\*aluna do sétimo período do curso de letras hab. em língua portuguesa, da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Ainda com base no aspecto indianista e no sertanejo e exaltação do nacionalismo brasileiro Alencar (2007, p. 77) diz que “o conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura”, ou seja, é importante conhecer a língua dos primeiros habitantes do Brasil, pois a partir disso conhecer o modo de pensar, os gestos e o estilo de vida dos mesmos. Assim também fez Taunay que tinha um grande conhecimento do sertanejo, características como a falar, o lugar e a natureza que o mesmo descreve tão brilhantemente em sua obra.

Embora que por trás desses traços nacionais na obra de Alencar perceber características ainda europeias em sua personagem marcante, como o índio Peri, que apesar de ser índio se vestir como tal mais age feito um cavalheiro português. Mas como diz Machado de Assis “para a literatura não existe grito de independência”. A literatura se faz aos poucos e a transformação decorre dessa construção lenta da mesma.

## **1 PERSPECTIVAS ROMANTICAS NA OBRA DE ALENCAR E NA OBRA DE TAUNAY.**

O Romantismo brasileiro teve grande influencia de países da Europa, tais como Portugal, França e entre outros. O Brasil estava vivendo em um momento de conservadorismo, um país que tinha acabado de se tornar independente e ainda não tinha forças para trilhar um caminho seguro de sua própria literatura, pois, como diz Machado “é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega a um só momento em um só resultado.” Cria-se aí um desejo de ter uma literatura também independente. Por isso cabe aos filhos de famílias abastardas escrever literatura, não porque as famílias de baixa renda fossem incapazes, mas, por falta de oportunidade que existia e principalmente pela desigualdade existente na época.

José de Alencar era filho de um político que fez parte do plano de maioria de D. Pedro e visconde de Taunay filho do pintor Taunay que chegou a Rio de Janeiro com a Missão Francesa durante o governo de D. João VI. Os dois autores a serem trabalhados tem em comum uma obra que procura mostrar uma identidade brasileira através da cor local e de seus personagens centrais; Alencar com o

indianismo e Taunay com o sertanejo. Os dois tinham em comum presente em suas obras o pitoresco e à cor local e personagens típicos do Brasil na época.

Alencar se destaca dos demais escritores, devido seus romances serem divididos em regionalistas, urbanos. Com base na capacidade de Alencar de dividir suas obras nos seguintes temas citados, Coutinho (2003, Pag. 38) afirma que “Alencar foi o escritor da revolução romântica, incentivado pela doutrina e pelo exemplo a autonomia literária nacional [...] é considerado, o patriarca da literatura brasileira”.

Já Taunay faz uma obra magnífica valorizando o regionalismo em especial o sertanejo. Em sua obra ele consegue combinar a inocência, a pureza e a beleza da mulher romântica personificada em *inocência*, o autor descreve minuciosamente a vida cotidiana do sertanejo. Taunay consegue fazer uma observação mais serena, com mais leveza, trazendo uma cor local com mais naturalidade.

Taunay foi capaz de enquadrar a história de *inocência* (1872) em um cenário e em um conjunto de costumes sertanejos onde tudo é verossímil. Sem que o cuidado de o ser turve a atmosfera agreste e indílica que até hoje dar um renovado encanto à leitura da obra. [...] no âmbito de nosso regionalismo, romântico ou realista, nada há que supere *inocência* em simplicidade e bom gosto. (BOSI 2006. Pág. 145)

Pode-se dizer que Taunay descreve em *inocência* um Brasil bem mais brasileiro do que o Brasil descrito por Alencar, pois o autor de *inocência* revela um Brasil pitoresco com toda sua beleza, numa história de amor que demonstra toda a realidade desse sertão bruto.

Ali começa o sertão chamado *bruto*. Pousos sucedem a pousos, e nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que esta caindo. Por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda parte, a vegetação virgem, como quando ai surgiu pela vez primeira. A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem-número de lípidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributário do claro e fundo paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai. taunay(2003. Pág.11)

Nessa descrição pode-se perceber o quanto Taunay conhecia a região, pois ele idealiza, mas, não exagera, o autor tem a preocupação de preservar a cor local, a paisagem, como ela é; observar a vida do sertanejo para daí transcrevê-la em diálogo que pareça fluir naturalmente com um linguajar típico do sertão.

## 1.2 O NACIONALISMO PRESENTE NAS OBRAS “O GUARANI” E “INOCÊNCIA”.

José de Alencar idealiza o índio como sendo o principal povo brasileiro, ele procura dar uma identidade ao Brasil através do índio. Descrevendo o índio como bom selvagem, por sua passividade com o povo branco (português) que é personificado na Cecília de Moniz. Alencar traça um quadro romântico do índio caracterizando-o pela cor local, descrevendo um herói sem medo soberbo e ao mesmo tempo com modos infantis.

Parecia-lhe uma profanação que seus olhos admirassem as graças e os encantos que o pudor de Cecilia trazia sempre vendados; pensava que o homem que uma vez tivesse visto tanta beleza, nunca mais devia ver a luz do dia. [...] nisto seus olhos abaixando-se descobriram sobre o tapeta da cama dois pantufos mimosos forrados de cetim e tão e tão pequeninos que pareciam para os pés de uma criança; ajoelhou e beijou-os com respeito, como se foram relíquia sagrada. Alencar (1961, p. 28)

Pode-se observar o quanto o autor idealiza a pureza e a inocência do índio, o qual personifica a terra virgem e ainda não explorada do Brasil. Uma idealização que muitas vezes leva o leitor a acreditar nessa idealização que muitas vezes se imagina vivendo em um lugar onde acontece magia. Percebe-se uma visão do autor sobre a natureza onde o qual demonstra, a qualidade da terra e seus atrativos comparando ou usando como símbolo para explicar as características do índio, como por exemplo, o fardo do bicho, a pureza dos animais e da própria terra demonstrando uma mistura e identificação do índio e a própria natureza.

Para dar forma ao herói, Alencar não via meio mais eficaz do que amalgamá-lo à vida da natureza. É a conaturalidade que o encanta: desde as linhas do perfil até os gestos que definem um caráter, tudo emerge do mesmo fundo incôscio e selvagem que é a própria matriz dos valores românticos. Bosi (2006. Pág. 136)

Alencar idealiza um Brasil onde os portugueses fossem para Portugal e os brasileiros (índios) pudessem governar bravamente, com lealdade, não importando o qual preço pagasse para defender aquilo o que eles acreditassem. Como Ele próprio cita na obra o **Guaraní**, a coragem e a lealdade de Peri para com Cecília, quando para salvar Cecília e sua família dos Aimorés, tribo inimiga do povo de sua senhora, é capaz de beber um poderoso veneno para se sacrificar por todos.

- Peri vai te deixar para sempre, senhora.  
-não!... Não!... Exclamou a menina fora de si. Não quero que tu nos deixes!...Ho tu es mau, muito mau!... Se estimasses a tua senhora, não a abandonarias assim. [...] tu queres que Peri viva senhora? Disse o índio com a voz comovida. –sim [...] – então Peri viverás. Alencar (1961. Pág. 122)

O autor deixa transparecer a admiração pelo o índio, fazendo transparecer o amor à pátria, a natureza, o povo e o passado tentando restituí-lo dando-lhe uma identidade, e até mesmo uma valorização da religião. O autor utiliza uma linguagem simples que é admirável. Tudo fica belo quando ele pinta o cenário onde todo o enredo ocorre. Alencar dar valor ao pitoresco e a cor local assim como Taunay.

Por sua vez Visconde de Taunay tenta valorizar o sertanejo, uma obra regionalista, essa obra representa a supremacia do romantismo de sua época, idealizando a mulher sertaneja ou simplesmente o sertanejo, que na obra é supervalorizado o modo de vida dos mesmos, que põe a honra da família acima de qualquer coisa, assim como Alencar faz com o índio.

Taunay retrata em **Inocência** um povo puro por viver isolado da sociedade corrompida pelo o poder e sem uma identidade definida. Inocência a principal personagem da obra é filha única, e que está comprometida, mas, que não sabe o sentido da palavra amor, que só vai conhecer depois de conhecer Cirino um jovem

de cidade grande que por sua vez já chega mentido dizendo que é boticário, mas, logo se deixa ser chamado de doutor, como cita o autor Taunay:

Em localidade pequena, de simples boticário a medico não há mais que um passo. Cirino, pois, foi aos poucos, e com o tempo, criando tal ou qual pratica de receitar e, agarrando-se Chernoviz, já seboso de tanto uso, entrou a percorrer, com alguns medicamentos no bolso e na mala da garupa, as vizinhanças da cidade à procura de quem se utilizasse dos seus serviços. (2003. Pág. 28)

No entanto na obra **Inocência** pode-se observar que assim como no romance de Alencar as personagens não são definitivamente más nem definitivamente boas pode se observar que as personagens agem por conveniência e oportunidades. Mas, percebe-se uma valorização do interior do Brasil, buscando valorizar assim como Alencar a cor local. Pois como disse Machado em 1873: “Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade.” Buscam vestir-se com as cores do país em busca de demonstrar uma identificação. Taunay retrata assuntos que lhe oferece a sua região. Como é retratado na sua obra:

anda-se comodamente, de habitação em habitação, mais ou menos chegadas umas às outras, rareiam, porem, depois as casas, mais e mais, e caminham-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao retira de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados paramos, oferecer-lhe momentâneo agasalho e o prover da matalotagem precisa para os campos de Miranda e pequiri, ou da Vacaria e Nioac, no baixo Paraguai. Inocência (2003, p. 11)

Nesse trecho pode-se ater ao modo como o autor descreve o sertão, usando o mesmo linguajar do povo sertanejo que muitas Ele chega exagerar, pois o leitor que não tem o costume e não conhece esse tipo de linguagem fica um pouco perdido na leitura. Como mostra: “- e mulher, prosseguiu o mineiro com raivosa volubilidade, é gente tão levada de breca, que se lambe de gosto com ditinhos e requebros desta súcia de embromadores. Com elas digo eu sempre não há que fiar”. O autor exagera

no modo como ele descreve a vida do sertanejo assim como Alencar exagera no indianismo.

Alencar tentar mostrar uma identidade brasileira ambientando seus personagens em um passado distante que coincide com o período colonial. Como mostra em “*o guarani*”, uma época em que os índios ainda dominavam suas terras e a defendiam com coragem até a morte. Na obra o autor descreve um índio que prefere abandonar a própria tribo para servir a sua mulher idealizada. Temos aí uma dupla característica do Romantismo que a solidão por se isola da sua tribo, e a lealdade por Cecilia que prefere morrer a deixá-la.

Mas como diz machado o indianismo não está de todo no patrimônio da literatura brasileira, mas está contida um legado assim como está na literatura universal. Como afirma Coutinho: (2003, p. 138) “O indianismo é designado do aproveitamento de valorização do indígena, nos costumes, cosmologias, figuras feitas com a expressão mais adequada ao procurado meio de dar caráter brasileiro a literatura”. Ou seja, o romance de Alencar é transcrito com uma forma de valorização de uma cultura e principalmente das terras brasileiras. Sendo que as duas obras **inocência** mais que em **o guarani** tem em comum a perspectiva de uma aproximação da floresta, procurando um cenário brasileiro.

Assim como Taunay Alencar conhecia não o índio de perto, mas, no entanto ele conhecia o linguajar do índio e seu comportamento por ler sobre os mesmos; pois ele dizia que o conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade literária brasileira, já que ele acreditava que o índio fosse realmente brasileiro nato. Ele ainda acrescenta que:

[...] a linguagem dos mesmos nos dá não só o verdadeiro estilo, mas também as imagens poéticas do selvagem, os modos do seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até mesmo as menores particularidades de sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro; é dela que deve sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu imagino. *Inocência* (2000. Pág. 77)

Desta maneira pode-se perceber o quanto Alencar considera importante conhecer primeiro a língua de um povo, já que a língua é o bem mais importante de uma cultura. **O guarani** é uma das obras da literatura mais fundamental do Brasil

pois, como diz Brend; é um estagio fundacional da literatura do Brasil. No qual projeta a gestação da raça brasileira que ele considera sendo uma mistura que irá dar origem a nacionalidade brasileira entre o índio e o português. Alencar deixa isso claro em sua obra em *o guarani* quando ele faz o leitor tirar suas conclusões no final da obra em:

Ela embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte.  
O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.  
Fêz-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e lânguidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando vôo.  
A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia ...  
E sumia-se no horizonte...o guarani(1961. Pág. 175)

Pode-se chegar à conclusão de que mesmo Alencar não dizendo diretamente que Peri ficaria com Cecília, o leitor pode tirar suas conclusões a partir desse momento vivido entre os dois e o esforço que o índio Peri fez para salvar sua senhora, para depois seguir sobre as águas, o autor descreve um índio com uma força sobre humana tornando-o um verdadeiro herói do início ao fim da obra.

Tem-se em o contato entre as duas culturas que Alencar utiliza para criar uma nacionalidade brasileira propriamente dita, tendo uma visão idealizada do e até mesmo ingênua do índio como um bom selvagem, limpo de toda a impureza da sociedade, mostrando que o índio por si só seria bom e que a sociedade o corrompe. Assim como a terra brasileira uma terra virgem e bela com todas suas cores e pureza. Alencar tinha uma visão diferente sobre o índio.

A visão edênica e harmônica da vida nos primeiros tempos, a atribuição de traços positivos aos indígenas, o ufanismo, que leva constantemente o autor à exaltação da natureza e do “bom selvagem”, se entrecruzam para dar gênese à narrativa, caracterizando uma consciência eufórica, na qual a supervalorização do regional e do natural compensam a situação de atraso da nação brasileira. Brend (1992. Pág. 38)

Em meio ao trecho mencionado pode-se perceber essa visão do autor e o porquê dela, Alencar supervaloriza o índio, assim como Taunay supervaloriza o



regionalismo, atribuindo às mesmas qualidades de seus personagens, no entanto Taunay diferente de Alencar descreve seus heróis mais humanos com defeitos e qualidades ele mostra isso através de inocência e Cirino; já Alencar exalta tanto as qualidades do índio Peri que o transforma em um índio europeizado, ou seja, um exterior de índio e interior de um verdadeiro cavalheiro português e idealiza tanto Cecilia que quase se torna um amor impossível de ser realizado.

## **AS DIFERENÇAS ENTRE O SERTANEJO DE TAUNAY NA OBRA INOCÊNCIA E NO ÍNDIO IDEALIZADO POR ALENCAR EM O GUARANI.**

Taunay descreve um sertanejo que chega a parecer real, Pereira o pai de inocência tem seu linguajar como caracterizado como um verdadeiro típico sertanejo, na maneira de como criar a filha e de como educa-la, e que honra sua palavra acima de qualquer coisa. Como o Taunay cita: “neste mundo, rosnou Pereira mais para si do para ser ouvido, ninguém mete prego sem estopa; mas com sertanejos... não se brinca.” Taunay descreve a natureza sem exagerar, não idealiza de mais, é evidente ele aumenta um pouco, enfeita, pois na literatura é necessário usar também a imaginação.

O autor usa sua praticidade do conhecimento que Ele tinha do sertão para equilibrar os conceitos da verossimilhança com que ele desenha a natureza, a nacionalidade brasileira usando a linguagem do sertanejo uma língua regional que flui naturalmente valorizando a realidade do sertão bruto.

Apesar do final dramático do romance de Taunay os caracteres de *inocência* e *Cirino* são mostrados com mais verossimilhança que em o guarani de Alencar, nos personagens *Cecilia* e no *Peri*, um índio de força sobre humana que como é mostrado por Alencar no seguinte trecho:

Peri alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das arvores já cobertos d'águas, e com esforço desesperado cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o ate as raízes. [...] a cúpula da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela a flor d'água como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formadas pelas vegetações aquáticas. O guarani (1961. Pág.174)

Pode-se concluir que o autor exagera ao dar tanta força ao índio, pois, sabe-se, que é impossível para um homem arrancar uma palmeira, sozinho, mas Alencar valoriza tanto o índio como símbolo da nacionalidade que o torna inverossímil, diferente de Taunay, que na obra descreve paisagem que o leitor pode se imaginar vivendo nela. Taunay constrói um final interessante em sua obra, diferente de Alencar ele não permite a mistura entre o sertanejo e o homem da cidade. Deixando que os principais personagens tenham finais trágicos, Inocência morre por amar Cirino, um moço da cidade grande e o mesmo acaba sendo morto pelas mãos de um sertanejo o Manecão.

## **2 ANÁLISE DAS PERSONAGENS PERI E INOCÊNCIA.**

Peri é mostrado por Alencar como herói, o autor utiliza o índio para demonstrar uma identidade pura do Brasil ou pelo menos uma busca pela nacionalidade. Peri tem um amor idealizado por Cecília filha de D. Antônio de Mariz o qual mora Paquequé, o índio em nome desse amor move tudo que está ao seu alcance para salvar sua amada quando essa está em perigo.

Perí é um jovem índio que ao ver Cecília uma jovem portuguesa de pele branca e olhos azuis e indefesa, Peri ao vê-la em perigo pela primeira vez, ocasião em que uma grande pedra quase cai em cima de Cecília, nesse momento Peri a salva e começa a ter por Cecília um amor idealizado, um amor que ele chega a compará-la com a Virgem Maria. Peri abandona sua noiva sua família para ficar aos pés de sua amada. Em meio a tantas guerras entre a família de D. Antônio de Mariz e as tribos de índios todos acabam falecendo menos Peri e Cecília que se salvam graças as habilidades de Peri que arranca uma carnaubeira e os dois flutuam em direção ao horizonte

Inocência é uma típica sertaneja que seguia os costumes que eram impostos pelo povo da região, o autor não idealiza tanto a personagem por isso a obra tem muita a presença da verossimilhança. Inocência está prometida a Manecão um típico sertanejo. No decorrer da obra Inocência adoece, nessa ocasião Cirino um farmacêutico está viajando por aquelas bandas e o pai de Inocência decide levar Cirino até o quarto da moça para ele medicá-la, ambos se apaixonam e seu amor é impossível pois a jovem sertaneja se encontra comprometida. Nessa ocasião

percebemos que para os sertanejos o cumprimento da palavra em primeiro plano e, ou seja, é bem mais importante que a própria felicidade. Como uma das características do Romantismo o autor utiliza a morte, fazendo com seus personagens se refugiassem na morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O trabalho aqui desenvolvido aponta para a confirmação de que a obra “*o guarani*” do romancista José de Alencar e do romancista Visconde Taunay abordam nitidamente traços de nacionalidade, com intuito de apresentar a cor local, o ambiente brasileiro devido à necessidade que tinha de se criar uma literatura do Brasil desvinculada da cultura da europeia.

Porém no decorrer do estudo elaborado por meio da pesquisa feito das obras, foi possível perceber que Alencar demonstra em **o guarani** aspectos de identidade nacional, nota-se também que a obra ainda é pautada nos romances da Europa, pela forma em que tanto idealizava o personagem indígena, apresentando-o como herói romântico, tornando-se submisso a todas as vontades da amada. Já em Taunay percebe-se uma identidade mais nacional por se chegar suas descrições da natureza mais real e sem muita idealização, em sua obra “*inocência*” as personagens agem de modo mais natural e com um diálogo que flui naturalmente.

Enfim, o presente estudo feito sobre as obras estuda, contempla-se em belíssimos enredos, retratando por um lado junto a ficção, traços da história brasileira, ou seja, dos primeiros habitantes do Brasil, os índio. Por outro lado a obra de Taunay também retrata a ficção, traços da história brasileira que é justamente o sertanejo, que é considerado por muitos uma raça mais brasileira por se trata da miscigenação entre o índio e o português. As duas obras são elaboradas com uma temática bastante interessante que faz com que o leitor de identifique quanto às características feitas nas obras.

## REFERENCIAS

ALENCAR, José de. **O guarani**. 2º ed: São Paulo: edição saraiva, 1961.

TAIUNAY. Visconde de. **Inocência**. 2º ed. Rio de Janeiro. Editora escala, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme. **Edcba de Anchieta a Euclides: breve historia da literatura brasileira 1**. 3º ed. Rio de Janeiro. Topbooks editora, 1996.

BOSI, Alfredo. **Historia concisa da literatura brasileira**. 43ºed. São Paulo: cultri, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 6ºed. São Paulo. Global 2003.

ASSIS, Machado de. **Literatura brasileira: instinto de nacionalidade**. Rio de Janeiro: Jackson, 1955.

MOISES, Massoud. **A literatura portuguesa**. 30º ed. São Paulo: cultrix, 1994.

BREND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto alegre: ed. Da UFRGS, 1992.